



# *Os Supridores*, de José Falero: a literatura periférica no contexto dos Estudos Culturais

Naiara Joelma Bispo Silva<sup>1</sup>

Naiara63@hotmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo.** *Os Supridores* (2020) de José Falero (1987) é um romance que busca representar a cultura da periferia ressaltando a questão dos espaços em que muito se discute sobre a arqueologia da pobreza, que trata a miséria com base em uma necessidade de se estabelecer a integridade da pessoa humana considerando o direito de viver com dignidade, diante da desumanização do trabalho assalariado. O autor pontua as tragédias urbanas com um humor áspero dando voz a um trabalhador que ele enfatiza como sendo um sujeito periférico. Neste sentido, acredita-se que existe uma romantização da pobreza por aqueles alienados que não conseguem enxergar os que estão à margem, os transeuntes do entrelugar na sociedade. Sendo assim, este estudo tem como objetivo geral apresentar a obra *Os Supridores*, e seu autor, José Falero, bem como contextualizar o enredo apresentado no romance, além de, apontar as discussões que a classificam no contexto da literatura periférica e dos estudos culturais. Para tanto, a metodologia tem como base uma pesquisa bibliográfica.

**Palavras-Chave:** *Os Supridores, Literatura, Periferia, Estudos Culturais, Trabalho.*

**Abstract.** *Os Supridores* (2020) by José Falero (1987) is a novel that seeks to represent the culture of the periphery, highlighting the issue of spaces in which much is discussed about the archeology of poverty, which deals with misery based on a need to establish integrity of the human person considering the right to live with dignity, in the face of the dehumanization of salaried work. The author punctuates the urban tragedies with a harsh humor giving voice to a worker he emphasizes as a peripheral subject. In this sense, it is believed that there is a romanticization of poverty by those alienated who cannot see those on the sidelines, the passers-by of the in-between place in society. Therefore, this study has the general objective of presenting the work *Os Supridores*, and its author, José Falero, as well as contextualizing the plot presented in the novel, in addition to pointing out the discussions that classify it in the context of peripheral literature and cultural studies. Therefore, the methodology is based on a bibliographic research.

**Keywords:** *Os Supridores, Literature, Periphery, Cultural Studies, Work*

---

<sup>1</sup> A autora é mestrando do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – PPGLetras – UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande – MS.



## 1. Introdução

O objeto de estudo, *Os Supridores*, do escritor José Falero (1987), publicado em novembro de 2020, expressa uma carga de inconformismo diante da vida, e da falta de valorização do trabalho. Assim, visando contemplar as discussões propostas para a mesa intitulada "Crises do Capitalismo, Guerras Culturais e Políticas do Desejo: Leituras críticas do Brasil Contemporâneo" do II SEMPOG, apresenta-se este estudo como parte da dissertação em desenvolvimento no curso de Mestrado Acadêmico em Letras – PPGLetras – UEMS, tendo como objetivo geral apresentar a obra e seu autor. Os objetivos específicos consistem em contextualizar o enredo apresentado no romance, bem como, apontar as discussões que a classificam no contexto da literatura periférica e dos estudos culturais.

Abordando a exploração no ambiente de trabalho e as peculiaridades da periferia, o romance tem sido classificado como literatura periférica ou marginal por apresentar uma abordagem sociocultural e política acerca da desumanização do trabalho assalariado, o cenário em que desenvolvem-se as ações é o supermercado Fênix, localização na região central de Porto Alegre - RS, espaço em que trabalham as personagens Pedro e Marques como supridores, na linguagem da região, eles repõem mercadorias no estabelecimento, ressaltando a busca por melhores condições de vida, um relato sobre a violência urbana e a desigualdade social, uma discussão acerca de valores morais pré-estabelecidos por determinadas parcelas da sociedade que, na realidade não compõem o cotidiano da periferia.

O trânsito entre a vivência na periferia e a prestação de serviço em áreas de outras classes pode funcionar como um gatilho para exploração no ambiente de trabalho, abordada por um autor oriundo da periferia que se intitula “menino periférico de quebrada” que vem discorrendo sobre a necessidade de se arrancar a literatura de um altar burguês. Para melhor compreensão das concepções deste autor cabe ressaltar o lugar em ele está inserido, visando analisar como a periferia construiu o autor, ou ainda, de que modo este autor construiu uma obra estruturada diante do capitalismo, assim como, o materialismo que extrai das relações materiais de produção, a existência de um cenário social que representa a distinção entre o salário do proletariado e a força do trabalho produzido por essa classe operária.

Deste modo, segue uma breve apresentação do autor e da obra *Os Supridores*, e um apanhado sobre a Literatura periférica no contexto dos Estudos Culturais.



## 2. Metodologia

A metodologia empregada é de natureza qualitativa e bibliográfica, de caráter descritivo-explicativo. A pesquisa é um estudo qualitativo onde a metodologia aplicada para este estudo consiste em revisão de obras literárias do tema escolhido, por meio de artigos científicos em banco de dados como a *Scientific Electronic Library Online - Scielo* e Google Acadêmico, em *sites* de universidades disponíveis na internet. Outras ferramentas de pesquisa também serão utilizadas, como por exemplo: Livros, Relatos de experiências, Dissertações e Teses. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Partindo do romance *Os Supridores* (2020) de José Falero (1987) publicado pela Editora Todavia, como objeto de estudo, a fundamentação teórica perpassa por teóricos como Eagleton (2006) que discute a questão do juízo de valor e poder exercido por determinados grupos sociais; Bauman (1997, 2005) discorrendo acerca da produção de estranhos pela própria sociedade, bem como, a questão do pertencimento na formação da identidade cultural do sujeito; Hall (2000) que trata da construção da identidade do sujeito como sendo um processo gradativo em constante formação; Santiago (2004) que discute a representatividade das influências do indivíduo, assim como Cândido (2009) ressaltando que, toda obra literária se dá numa lógica dialética, dentre outros.

## 3. José Falero – “*menino periférico de quebrada*”

José Falero, em homenagem a mãe, é o pseudônimo de José Carlos da Silva Júnior, natural da Lomba do Pinheiro, bairro localizado na periferia de Porto Alegre - RS, filho de José Carlos da Silva e Rita Helena Falero tendo como irmã Caroline Falero da Silva teatróloga que sempre buscou incentivar o hábito da leitura considerando que José sempre se achou deslocado na escola, “o ambiente da escola sempre me foi hostil, mas tenho o direito de estar dentro dela. Decidi que não me privaria mais do estudo formal”, comentou, em



entrevista à Revista Opera<sup>2</sup>, e logo cedo buscou trabalhar atuando em diversas profissões, retomando os estudos em 2020 aos 34 anos e concluindo o ensino médio na EJA (Educação de Jovens e Adultos) apenas em 2021, mas sempre foi incentivado pela mãe, e pela irmã a aprimorar seus conhecimentos e desenvolver seus projetos, ainda que as oportunidades estivessem muito distantes da sua *quebrada*.

[...] afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa [...]. Dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal (FALERO, 2020, p. 18).

Por mais que os limites da periferia sempre fizessem fronteira com espaços que não favoreciam o desenvolvimento de grandes projetos, sempre terminavam em algum matagal. A família de José sempre buscou incentivá-lo. O autor é autodidata tendo adquirido o hábito da leitura com um desafio proposto pela irmã de que, não era possível não gostar de ler, sem ter tentado, “Se tu nunca leu um livro, tua opinião não importa. Tu não pode dizer que não gosta de algo que não conhece”, e assim, temos um escritor que salienta a necessidade de se tirar a literatura do altar burguês, “o mercado editorial está se abrindo, aos poucos, para as vozes periféricas, porque há uma demanda reprimida por nossa arte. Nós sempre tivemos o que dizer. Eu não sou uma exceção”<sup>3</sup>, diz. Destaca a questão da desigualdade social diante dos anseios e das limitações impostas para estes que estão à margem da sociedade, exemplifica descrevendo a sua situação familiar.

É que, tipo assim, a gente era quatro, né? Eu, minha irmã, minha mãe e meu pai. Aí a gente tava no Pinheiro e tal e a gente foi morar... tô trazendo aqui a natureza dessas questões, né? A gente foi morar na Cidade Baixa [bairro conhecido por boêmio e universitário, próximo ao centro administrativo e comercial de Porto Alegre]. Imagina o choque, né? A gente foi morar na Cidade Baixa porque meu pai virou zelador lá. Aí, depois de um tempo, ele se separou da minha mãe, né? Meu pai é falecido, um pouco antes de falecer, ele se separou da minha mãe. E a minha mãe voltou a morar na Lomba do Pinheiro, e eu voltei com a minha mãe. A minha irmã ficou morando com meu pai, porque a minha irmã tava estudando num bom colégio na época, fazendo o ensino médio lá no Parobé. Aí eu tava no ensino fundamental, meio que tanto fazia o colégio, e então ok, vou vim com minha mãe. E ela não, né? Ela ficou lá. Ela fazia um curso de Eletrônica, se eu não

<sup>2</sup> Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.



me engano, no Parobé, que era feito junto com o Ensino Médio, e por essas questões ela ficou lá no meu pai. Aí é nesse curso que ela vai conhecer o pessoal do teatro, vai começar a frequentar teatro, vai se apaixonar por teatro, e mais: vai ter contato com essa possibilidade do mundo acadêmico. E eu, aqui no Pinheiro, vim me desenvolver numa outra realidade, numa realidade em que ninguém sonha em cursar uma graduação, onde é meio que... ninguém sequer conversa sobre isso. É meio que assim ó: olha, tu vai acabar o ensino fundamental e tu vai começar a trabalhar, sabe? É o senso comum generalizado, assim. Todo mundo pensa isso. Acabou o ensino fundamental, é trabalho. Se tu quiser, tu ainda faz o médio, pra tentar conseguir uns trabalhos depois, mas é trabalhar e fazer o ensino médio ao mesmo tempo. Ou abandona o estudo. Mas é isso: concluir o ensino médio é o topo, assim. (FALERO, 2021)

No contexto literário é possível afirmar que, “os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais (...) pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (EAGLETON 2006, p. 24)”. O espaço social que abriga os anseios do autor é dotado de limitações que ele pontua no texto, desde o acesso ao ensino, e a exclusão na escola, variadas formas de violência, o racismo estrutural, assim como, o fato do pouco dinheiro dar só para comer. Falero afirma que, “a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física (FALERO 2020, p. 32)”, os relatos partem do real para o ficcional na observação do cotidiano que contribui significativamente para a construção da identidade do sujeito enquanto processo contínuo, de modo que este não se sinta um estranho na sociedade. Os sujeitos periféricos não se reconhecem nas publicações do cânone, e talvez isso seja um complicador para que esse público não se torne leitores ativos: “E se tu, leitor, estiveres lendo isto, *très bien*. É porque Pedro conseguiu escrever tudo o que desejava” (FALERO, 2020, p. 301). Com a abordagem social trazida pela literatura periférica há reconhecimentos dessas personagens na representação do real no ficcional, deixam de ser vistos como estranhos.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo - num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido - então cada sociedade produz esses estranhos (BAUMAN, 1997 p. 27).



A desigualdade social e falta de acesso a cultural e educação assim como, o contexto das violências que moldam as periferias geram os estranhos e formam a construção da identidade de modo geral. Neste contexto, existe uma mescla da ficção e da memória do autor que requer uma observação mais profunda quanto aos aspectos daquilo que estabelece como verdades, haja vista que, a construção da identidade de modo geral, é um processo, ou seja, “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, [...] ela está sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada (HALL 2000, p.30)”. Assim, a estruturação dessa identidade base com o desenvolvimento da identidade cultural, do local da cultura com as inter-relações com o lugar podem ser a base da obra a ser analisada.

"[...] demonstrar que a oposição costumeira entre literatura e realidade, cultura e sociedade máscara profunda interconexão: não se pode analisar uma sem a outra, e nem mesmo sem conceber uma literatura sem a realidade que ela produz e reproduz, ou, pela mesma via, uma sociedade sem a cultura que define seu modo de vida."(CEVASCO, p.150, 2003)

Sobre a questão do arquivo, da memória e sobre os valores da crítica literária. “[...] Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59). Corrobora Bauman ao apontar que, a cultura é singularmente humana no sentido de que é só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem, seja ele individual e coletivo (BAUMAN, 2012, p. 302).

Nos estudos de Bauman vem sendo chamado interpretado como liquidez, às influências inconscientes que são agregadas ao cotidiano e percebidas posteriormente; não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p.17).

Pontuando a representatividade que o autor aponta em algumas incursões é possível afirmar que, a “atividade artística do escritor não se descola da sua influência política; a influência política sobre o cidadão não se descola da sua atividade artística”



(SANTIAGO, 2004, p. 66). Contudo, toda ficção vem de um foco de realidade, “isso porque toda obra literária se dá numa lógica dialética, de ser produto e também produtora de seu tempo (CANDIDO, 2009)”, diante dos relatos surge um questionamento quanto o teor autobiográfico da obra.

Considerando as relações de trabalho e a existência social que fomenta todo o discurso das personagens quanto às relações materiais de produção, que em muitos casos, como o descrito na obra, representa o descontentamento nas relações de trabalho que geram frustração nos colaboradores ao analisarem a sua relevância, o seu valor. “Definir de alguma forma a aura radioativa que envolve uma criatura frustrada (FALERO 2020, p. 31)”. As condições de trabalho são determinantes também quanto às relações entre si considerando o material. Esse movimento de produção e reprodução da vida social nos conduz a categoria trabalho.

Com o descontentamento diante das condições de trabalho no supermercado, Pedro propõe a comercialização de maconha. Pedro opina que vender maconha vai ser sossegado: “A gente vai evitar conflito, Marques. Tendeu? E é por isso que a gente vai vender só maconha. Ninguém faz guerra por causa de maconha, mano” (FALERO, 2020 p. 66), como uma forma de proporcionar dignidade a família. Contudo, o enredo encerra-se com a prisão de Pedro, o protagonista que representou com maestria, a voz da periferia no contexto da literatura contemporânea, enfatizando que a população da periferia é “pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração” (FALERO 2020, p. 246). A discussão sociopolítica reforça a representatividade do autor na literatura contemporânea.

#### **4. Contextualizando a obra *Os Supridores* - de José Falero.**

No romance *Os Supridores*, os personagens são constituídos de múltiplos aspectos que entrelaçam as questões socioeconômicas implícitas no texto, mas que geram certa confusão entre a ficção e o real; [...] diz que o "real" supostamente basta-se a si mesmo, que é bastante forte para desmentir qualquer ideia de "função", que sua enunciação não precisa ser integrada a uma estrutura e que o "ter-estado-lá" das coisas é motivo suficiente para que sejam relatadas (BARTHES 2004, p.188), retratos da periferia comum a muitos outros espaços, que segundo o autor esta fora do alcance do poder público. “[...] a literatura, como



prática social, ajuda a construir representações que extrapolam o texto e o próprio campo literário (DAMATTA 2011, p. 20),” fugindo do padrão da hegemonia social que compõem o sistema literário.

A narrativa apresenta uma linguagem marcada por oralidade tanto nos personagens quanto no narrador que, “nessas viela tudo aí, cheinha de miséria, ódio e sofrimento, a vida não tem tanto valor: quem mata não se importa muito de matar; quem morre não se importa muito de morrer (FALERO 2020, p.27)”, não mantém uma linguagem padrão no discurso, aparentemente, busca validar a linguagem daquele lugar, apresentando um narrador culto e perspicaz nas discussões, pois os diálogos são duros, porém inteligentes.

Quanta gente tu já viu fazer isso, Marques? Uma pá de mano que se criou contigo, que jogou bolita no barro contigo, que foi no baile a primeira vez contigo. Tudo mortinho da silva. Mas a gente tá aqui. Eu nem sei como, mas a gente tá aqui. Se esquivando das bronca, contrariando as estatística, dando um jeito de comer e beber, tirando onda quando dá pra tirar onda. A gente tá aqui porque a gente não é de barro, nem de vidro, nem de cera; a gente é pica dura (FALERO, 2020 p.140).

Salienta a ideia de que, na periferia tem conteúdo relevante, tem cultura que merece tratativas além do julgamento pejorativo de valor, a tal romantização da pobreza já mencionada em relação aos poucos periféricos que de alguma forma se destacam. Na obra esta questão vem estruturada no modo como o discurso de Pedro, “Eu, na real, nem posso dizer que eu vivo: eu sobrevivo” (FALERO, 2020, p. 24), tenta persuadir Marques a busca novas conquistas, a observar a desvalorização do trabalho que eles desenvolvem, e o que é possível adquirir com as recompensas pelo trabalho prestado. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 19), assim, muitos acabam alienados, vitimizados por uma rotina que limita e marginaliza.

Só o que eu faço é suar e suar para me manter respirando, e mais nada. Uma puta duma usina trabalhando a todo o vapor só para acender uma bosta duma lâmpada! É, eu preciso ficar rico, custe o que custar. Preciso dar um jeito de experimentar as coisas que faz a existência valer a pena, e não vai ser trabalhando que eu vou conseguir isso (FALERO, 2020, p. 24).



Pedro utiliza o tempo de deslocamento entre a casa e o trabalho para leitura, e com o conhecimento adquirido nos livros, ele tenta convencer o colega Marques sobre a necessidade de empreender diante das desigualdades que fazem parte da rotina de trabalho deles. “Eu não quero mais saber de ética, de moral, de lei, de certo ou errado. Foda-se tudo! Eu quero é ficar rico. Eu quero dinheiro. E outra: quero logo! (FALERO 2020, p.28)”. Assim, é possível observar a representação de inconformismo diante da vida, e da falta de valorização do trabalho.

Tu acha mesmo que a gente não trabalha mais do que o dono desta rede de supermercado? Esse cara nem sequer trabalha, Marques. Mas, mesmo que ele trabalhasse, não ia poder trabalhar tanto, a ponto de merecer o mar de dinheiro que ele tem, enquanto a gente trabalha e trabalha só pra ganhar a quantidade de dinheiro exata pra não morrer de fome e continuar trabalhando e trabalhando (FALERO 2020, p.).

Diante da desvalorização do trabalho, e das múltiplas funções agregadas à função de supridor, no enredo, Pedro usa seu repertório intelectual para convencer o colega de trabalho, o intempestivo Marques, a vender maconha. Sendo assim, dentro do contexto da periferia ainda que ficcional é relevante investigar o que seriam os gatilhos e de que modo influenciam na estruturação dos personagens, pois a experiência social vinculada a violência é uma coleção de tragédias que podem ser frequentemente banalizadas. O enredo representa o cotidiano de trabalho árduo das personagens e a inconformidade diante do não reconhecimento. Pedro enfatiza a questão do direito e do merecimento diante das condições de trabalho.

O direito de abrir a boca e dizer que alguma coisa te pertence, ou seja, o tal do direito à propriedade privada, esse direito devia andar de mão dada com o merecimento, e merecimento é sinônimo de trabalho. Merecimento é rosto suado e mão calejada. Não existe outro tipo de merecimento. O fiel da balança mais justo é o trabalho. E a balança mais justa mostra pra quem quiser ver que o dono dessa rede de supermercado tá ganhando bem mais dinheiro do que merece, enquanto os funcionários, incluindo eu e tu, tamo ganhando bem menos dinheiro do que a gente merece (FALERO 2020, p.).

‘Na quebrada’, como o autor intitula a periferia, os vários tipos de violência são uma constante: violência racial, violência sexual; violência de gênero; violência institucional; violência Epistêmica decorrentes não só pela desigualdade, mas por uma série de questões que cativam muito destas pessoas que acabam se acostumando com essa



banalização da tragédia. A personagem principal da obra, Pedro mesmo sendo de origem humilde, destaca a filosofia de Marx para discutir as relações de trabalho e a desigualdade. O autor destaca que,

Antes de chegar ao pensamento de Marx, eu já olhava pro mundo de um jeito meio marxista, tá ligado? Claro que era espontâneo, sem saber o que era o marxismo. Mas eu já refletia sobre questões que haviam sido analisadas pelo pensador alemão. A indignação com a desigualdade social, que adquiri ao voltar para a Lomba do Pinheiro, veio primeiro. Quando tive contato com a obra de Marx, eu já me sentia familiarizado com a maioria das questões levantadas por ele<sup>4</sup>.

No entanto, a obra convida o leitor a analisar que nem todo mundo que está na periferia é alienado, embora as desigualdades sejam significativas é preciso reavaliar a periferia, dar voz aos que foram deixados a margem, e apontar as contribuições do que tem sido chamado de literatura marginal, posto isto, embora a obra trate da comercialização da maconha, o foco não é normalizar a venda, nem estimular o consumo, mas retratar o comum em algumas comunidades. Dessa forma, cabe analisar o cenário contemporâneo, “no consenso ao qual hoje as democracias entregam as suas sortes, na última, extrema e exausta fase da sua evolução, é, como se diz, outra história, sobre a qual deixo vocês refletirem” (AGAMBEN, 2009 p. 92) que apresenta as relações entre o tempo e o indivíduo que se enxerga nos contextos sociais.

## 5. Literatura periférica no contexto dos Estudos Culturais

No contexto contemporâneo o indivíduo dito estranho tem ganhado voz e conquistado espaços que estão à margem das desigualdades sociais que limitavam o acesso dessas pessoas ao básico para a sobrevivência, porque os excluídos estavam em territórios que propiciavam a marginalização. “Pela desterritorialização, toda a problemática social e política penetra no campo literário e imprime uma feição própria à estética dos “menores” (DELEUZE, 1978, p. 155)”. Com as representações vinculadas a literatura periférica houve uma quebra de paradigma quando a cultura dos menores alcançou visibilidade.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.



Menor é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem (SCHOLLAMMER, 2001, p. 63).

A produção literária dos sujeitos oriundos das classes menos favorecidas, ou periferias tem sido intitulada de literatura periférica ou marginal; muito tem sido representado nestes materiais, principalmente, as questões que envolvem as desigualdades sociais e as mazelas da exclusão. Por intermédio dessas produções, os indivíduos oriundos da periferia estão conquistando novos espaços, assim como, a visibilidade considerando produções que explicitam o cotidiano da periferia fazendo com que as pessoas se reconheçam, propiciando a formação cultural de pessoas que passaram a se enxergarem representadas.

As discussões acerca da literatura periférica enaltecem quem pode escrever e para quem se escreve propiciando transformações no sujeito e no espaço em que estes atuam. Diante disso, a Literatura Marginal passa a ser abordada como, “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (FERRÉZ, 2005, p. 12)”, mas que expressa a realidade deste grupo.

Nas representações literárias da periferia constatou-se que, a periferia ganhou voz e tem sido reconhecida, contudo, “assumir uma posição subversiva perante o Estado, produzir seu próprio discurso literário, artístico, é, sobretudo, uma forma de resistência aos séculos de exclusão social a que foram submetidos” (OLIVEIRA, 2017, p.47), haja vista que, os discursos apresentam em sua maioria, as desigualdades sociais que fazem parte da rotina do sujeito periférico. A literatura representa um caráter social diante do cenário em que o sujeito está inserido; quando este se reconhece, passa a colaborar com ações que possam mudar o contexto.

A literatura vem passando por um processo de mudança diante das diretrizes pré-estabelecidas pelo cânone e nesse sentido é possível apontar as observações da professora Maria Eneida de Souza ao afirmar que, "suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico" (SOUZA,



2002, p.68) é uma das capacidades que deve ser considerada na produção literária. Acrescenta-se aqui, o fato do objeto literário tem conquistado representatividade quanto a desconstrução da cultura vigente. A cultura da periferia deve ser considerada e expressava de modo que os transeuntes da sociedade contemporânea possam se reconhecer de alguma forma.

[...] a cultura periférica seria, então, a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares situados nos bairros tidos como periféricos. [ E ainda faz parte dessa cultura as] [...] manifestações artísticas específicas, como as expressões do hip hop (break, rap e graffite) e a literatura marginal, que reproduziriam tal cultura no plano artístico não apenas por retratarem suas singularidades, mas por serem resultados da manipulação dos códigos culturais periféricos (como a linguagem com regras próprias de concordância verbal e uso do plural, as gírias específicas, os neologismos etc.) (NASCIMENTO 2011, p. 13).

Diante disso, acredita-se que a literatura da periferia é um retrato pertinente daqueles que estão sendo colocados à margem da sociedade, porém são detentores de uma cultura que precisa ser respeitada e representada de diferentes formas. Como foi colocado por Falero, é necessário tirar a literatura das diretrizes da burguesia, dita, intelectualizada e apresentar novas representações do real. Com esta abordagem, teóricos pontuam que, os Estudos Culturais "estariam ameaçando os estudos literários, corrompendo o objeto de análise e distorcendo a teoria da literatura." (SOUZA, 2002, p.68). A literatura sempre passou por processos de mudanças que acabaram sendo caracterizadas nos períodos literários. Dessa forma, é preciso que se amplie as discussões quanto as inferências dos Estudos Culturais na teoria da literatura.

## 6. Considerações finais

Este estudo propôs apresentar a obra representando o que tem sido intitulado literatura periférica. O enredo de *Os Supridores* parte do descontentamento de prestadores de serviço assalariados que, analisam o processo produtivo e concluem que mesmo produzindo de modo efetivo, a forma como são remunerados não condiz com o quanto contabilizam para os cofres do padrão. Embora o sujeito busque produzir mais e melhor, desenvolvendo diversas atividades inseridas em um único registro formal, ele não consegue



perceber mudanças significativas nas suas conquistas, o poder de compra, o desejo de possuir é utópico, e a renda limita-se as necessidades básicas.

Diante do material investigado foi possível concluir que, o autor busca apresentar no livro uma representação da periferia de Porto Alegre - RS associando a violência urbana com as injustiças sociais, que acabam por enfatizar as situações de racismo, machismo, bem como, diversas situações de desigualdade que colocam o ser humano a margem da sociedade, sem que haja nem mesmo, boas condições de trabalho, para que o indivíduo tenha uma possibilidade de ser alguém, diante daquilo que ele vê como merecimento.

Sendo assim, observa-se que a literatura intitulada periférica ou marginal foge dos padrões, assim, não se enquadra no que estabelece o cânone literário, todavia, estas produções representam uma grande parcela da sociedade que se reconhece nas descrições representadas na literatura periférica, e com isso, colaboram para que sejam feitas ações que possam vir a mudar a representatividade das desigualdades sociais, foco dos textos taxados como marginais, mas que na verdade poderiam ser inseridos no contexto dos estudos culturais, bem como, objeto de discussão no que tange as "Crises do Capitalismo, Guerras Culturais e Políticas do Desejo: Leituras críticas do Brasil Contemporâneo".

## 5. Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Cultura como práxis**. In: Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

BAUMAN, Z. **O mal-estar na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

CANDIDO, Antonio. **“Introdução” in Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

DAMATA, Anderson Luís Nunes. **Representações e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea**. In: DELCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (org.).



---

Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FALERO, José. **Os Supridores**. São Paulo: todavia, 1ª ed., 2020.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Cleber José de. **Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação**. *ArReDia*, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43 - 57, jun. 2017. ISSN 2316-6169. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/6121>. Acesso em: 26 de julho de 2022.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura anfíbia**. In: \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari**. *Ipotesis: Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora*, v. 5, 2001.

SOUZA, Eneida Maria de. **"A teoria em Crise"** In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.